

## O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS COM CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS A PARTIR DE TEMAS SENSÍVEIS

*Márcio Ferreira de Souza*

### Introdução

No presente texto proponho algumas reflexões para o desenvolvimento de pesquisas em situação de abordagem de temas sensíveis a serem tratados com crianças, adolescentes e jovens. Através do relato de experiências por mim realizadas em duas pesquisas: o “Diagnóstico da Situação da Infância e da Adolescência do Município de Capelinha (MG)” e o “Diagnóstico da Situação da Infância, da Adolescência e da Juventude do Município de Sete Lagoas (MG)”<sup>1</sup>, procuro refletir sobre a efetivação de investigações que demandam a abordagem de tais temas sensíveis, a saber: violência doméstica, exploração sexual, gravidez na adolescência, trabalho infantil, consumo de drogas e bebidas alcoólicas, dentre outros. O objetivo é o de buscar alternativas para a construção de dados sem

---

<sup>1</sup> A realização do primeiro diagnóstico foi uma iniciativa do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente do município de Capelinha (CMDCA), com apoio da CIFA ONG For Children e Comissão para as Adopções Internacionais italianas (Agências Financiadoras). Para tanto, o CMDCA de Capelinha estabeleceu uma parceria com o Instituto da Criança e do Adolescente da Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (ICA/PROEX- PUC Minas). O segundo diagnóstico foi realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Sete Lagoas (MG), a Secretaria Municipal de Justiça Social (SMJC) e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) de Sete Lagoas. A equipe do ICA, na ocasião das pesquisas era composta pelos seguintes membros: Rita de Cássia Fazzi (Diretora), Andréa Branco Simão, Almir de Oliveira Júnior, Carlos Wagner Machado, Daniela Soares Hatem, Gilmar Rocha, Maria José Gontijo Salum, Sânia Maria Campos (Conselho Técnico), Marco Antônio Couto Marinho (Assistente Técnico), Kyra Martins Vargas, Laura Oliveira Alberti, Marina Rodrigues Siqueira, Natália Bicalho Salles Barbosa, Nathália Silva Barbosa e Talita Nunes de Sá Freire (Estagiárias). Este texto é uma elaboração pessoal a partir de uma experiência em equipe, cujos equívocos que por ventura existirem são de minha inteira responsabilidade.

comprometer o trabalho científico e, ao mesmo tempo, buscar desenvolver o processo de investigação de maneira ética, com respeito aos potenciais informantes em questão: as crianças, os adolescentes e os jovens<sup>2</sup>. Dessa maneira, apresento como foco central neste texto a seguinte questão: como tratar de temas sensíveis tendo como informantes crianças, adolescentes e jovens e como se posicionar de forma ética no trato destas questões?

### Experiências no campo – descrição geral dos diagnósticos

No ano de 2007 iniciei um trabalho de coordenação de pesquisa de campo no Instituto da Criança e do Adolescente (ICA) da PUC-Minas: O “Diagnóstico da Situação da Infância e da Adolescência do Município de Capelinha (MG)”. Ao concluir essa pesquisa, no ano de 2008, outro diagnóstico – “Diagnóstico da Situação da Infância, Adolescência e Juventude do Município de Sete Lagoas (MG)” – foi solicitado ao ICA, que mais uma vez me deu a oportunidade de realizar o trabalho de coordenação de campo<sup>3</sup>.

Do ponto de vista metodológico nos deparamos com um grande desafio, já que em ambos os trabalhos lidamos com um público diversificado, além do público infanto-juvenil: pais e mães, conselheiros tutelares, membros de Conselhos Municipais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, diretoras de escolas e creches, lideranças religiosas e outros atores políticos que lidavam de alguma maneira com a criança, adolescentes e jovens. No caso de Capelinha, cidade de poucos recursos situada no Vale do Jequitinhonha, já prevíamos de antemão alguns problemas que enfrentaríamos. Como esse foi nosso primeiro diagnóstico realizado, ali se situou um grande desafio: o de iniciar uma experiência partindo da preocupação com o desenvolvimento de uma metodologia que pudesse se estabelecer de maneira diferenciada dos diagnósticos comumente realizados. Não queríamos nos ater a dados exclusivamente quantitativos, meramente descritivos e que ficassem nas mãos das autoridades locais sem que estas tivessem uma clareza do que fazer de posse desses dados. Assim sendo, partimos do princípio de que seria essencial a conjugação de metodologias e técnicas diversificadas que pudessem nos propiciar a captação das particularidades do problema em questão: a situação da criança e do adolescente – vistos dentro das particularidades do município (ICA, 2008).

<sup>2</sup> Conforme o Art. 2º. do Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompleto, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL. ECA, 1999).

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que em Sete Lagoas o Diagnóstico se estendeu até a idade de 24 anos.

Não propusemos o emprego de métodos e técnicas novas, ao contrário, as técnicas que utilizamos são bastante conhecidas: observação participante, entrevistas em profundidade e grupos focais. Porém, o fator diferenciador que buscamos se fez presente na conjugação de métodos e técnicas e, também, no trabalho direto com a população daquele município. Verificamos que “freqüentemente os diagnósticos usam e abusam de informações obtidas através de dados estatísticos que apresentam um painel geral de uma situação qualquer que será investigada, mas ao mesmo tempo apresentam falhas quanto ao desvelamento das características específicas e fundamentais que deveriam, de fato, ser captadas” (ICA, 2008).

Convencidos de que uma participação mais direta dos atores sociais daquele município seria condição *sine qua non* para a efetivação de um bom diagnóstico, buscamos ouvir os diferentes grupos – aqueles que são responsáveis pela efetivação de políticas públicas, aqueles politicamente engajados ou não, pais e mães, crianças e adolescentes. Ao seguir tais passos pudemos obter resultados satisfatórios que serviram como subsídios para um diagnóstico mais eficiente e, conseqüentemente, sedimentar mos um terreno para a elaboração de propostas criativas – e inclusivas – para o município.

De saída para o campo já havíamos antecipado que estaríamos propensos a nos deparar com aspectos subjetivos implicados nas questões que buscávamos explorar. Dessa maneira, um recurso ao qual recorreremos foi aquele que Becker (1997) define como o “modelo artesanal de ciência”, isto é, o processo no qual o pesquisador “produz as teorias e métodos necessários para o trabalho que está sendo feito” (Becker, 1997: 12). O referido modelo apresenta vantagens alternativas, visto que “toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico que, em aspectos importantes, não é parecido com nenhum outro problema, e deve fazê-lo dentro de um ambiente específico diferente de todos os que existiram antes” (Becker, 1997:12/13) <sup>4</sup>.

Os primeiros desafios com os quais nos deparamos foram aqueles comuns a pesquisadores que se propõem a projetar os seus rumos metodológicos: o que buscar? O que perguntar? Como perguntar? A quem perguntar? Quais os métodos e instrumentos que devíamos utilizar? Tendo sempre em mente que o nosso “objeto” era a situação das crianças e dos adolescentes do município de Capelinha, traçamos a estratégia de ouvi-los diretamente para compreendermos a sua própria percepção. Não queríamos, sobremaneira, centrarmos exclusivamente na percepção dos adultos sobre as crianças e os adolescentes

---

<sup>4</sup> Seguindo este princípio, entendemos que Becker não faz uma apologia do vale-tudo científico; na verdade, esse autor aponta que o engessamento metodológico, a rigidez do método, pode estabelecer um efeito perverso, depondo contra a pesquisa e até mesmo contribuindo para a distorção dos seus resultados (ICA, 2008).

daquele município. Verificamos, também, que o estudo de caso seria um recurso eficiente para esse tipo de pesquisa, tanto para favorecer a construção dos dados quanto para possibilitar uma análise mais acurada da situação investigada. Com relação ao método da observação, Becker aponta que este possibilita o acesso a uma “ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar” (Becker, 1997: 118).

Aprofundando sua discussão, Becker aponta que os objetivos do estudo de caso geralmente têm um duplo propósito: em primeiro lugar, procura atingir um nível abrangente de compreensão do grupo focado, sinalizando para sua identidade (quem são os seus membros?), para as “modalidades de atividades e interação recorrentes e instáveis”, seu processo interativo umas com as outras, além do processo de interação do grupo “com o resto do mundo” e, em segundo lugar, procura “desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estruturas sociais” (Becker, 1997: 118). Dessa maneira, os passos para a realização de nossos diagnósticos (em Capelinha e em Sete Lagoas) foram desenvolvidos a partir desses princípios, pelos quais procuramos ressaltar, conforme afirmação de Becker, que “por tentar compreender todo o comportamento do grupo, o estudo de caso não pode ser concebido segundo uma mentalidade única para testar as proposições gerais” (1997: 118). Procuramos, dessa maneira, ouvir toda a gama de informantes para melhor compreender a variedade de problemas teóricos e descritivos que pudessem saltar – e que de fato saltaram – aos nossos olhos, mas sempre tendo em mente que as percepções das próprias crianças, dos adolescentes e dos jovens seriam fundamentais (ICA, 2008, 2009).

Para melhor compreendermos os amplos painéis, que foram levantados preliminarmente, sobre os municípios, buscamos adotar estratégias metodológicas e instrumentais que nos possibilitassem aprofundar tais informações gerais sobre os dois municípios em questão. Para tal empreitada, precisaríamos avançar os dados numéricos, buscando um suporte qualitativo para complementar os dados apresentados e avançarmos rumo ao conhecimento da “realidade” dos municípios e, conseqüentemente, traçarmos um diagnóstico mais preciso e adequado em respeito às questões básicas ao desenvolvimento humano: educação, saúde, renda, cultura e lazer, dentre outras. Para tanto, adotamos, num segundo momento, estratégias de investigação executadas no campo e calcadas nas técnicas de observação simples, de entrevistas em profundidade e de grupos focais<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Os passos do Diagnóstico seguiram estratégias metodológicas, tendo como ponto de partida um mapeamento do município a partir de dados sócio-demográficos. O Vale do Jequitinhonha, situado no norte de Minas Gerais, é uma região que apresenta baixos indicadores sociais, sendo a região mais sofrida do estado e que busca acompanhar

### *Em Capelinha*

Nossa chegada ao município de Capelinha foi bastante satisfatória, visto que contamos com a contribuição interessada não somente de nossos parceiros do CMDCA e da Prefeitura Municipal, mas também de pessoas atuantes na comunidade. Em uma primeira reunião geral – aberta à população interessada – a intenção de nossa presença no município foi claramente exposta. Tivemos a oportunidade de discutir a metodologia e estabelecer um respeitoso diálogo inicial com os presentes nesse primeiro encontro. Assim sendo, logo, em conversas informais durante esse primeiro encontro público, a própria população já nos deu pistas importantes de questões que seriam fundamentais para nossa abordagem, bem como de potenciais agentes no município que poderiam nos fornecer informações importantes. Estabelecemos, a partir daí, uma relação de confiança com a população desde o início.

Já estabelecidos no campo, optamos pela utilização da técnica de

---

timidamente os avanços que se percebem em âmbito nacional. As políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de taxas de expectativas de vida e erradicação da mortalidade infantil têm encontrado um incipiente desenvolvimento na microrregião de Capelinha – formada por 14 municípios –, nos setores fundamentais do desenvolvimento humano. Capelinha, especificamente, tem um desenvolvimento considerável em comparação aos demais municípios daquela região e é o município pólo. Ao considerarmos o IDH-M no período de 1991-2000, podemos notar um quadro evolutivo no município de Capelinha, ainda que este índice permaneça dentro do limite de desenvolvimento médio (entre 0,500 e 0,799). Em 1991 o IDH-M neste município era de 0,564 (médio baixo) e, até o ano 2000, subiu para 0,673 (médio alto). Considerando o IDH-M especificamente para cada uma das variáveis utilizadas no cálculo geral deste índice, neste município apresentam-se os seguintes resultados: IDH-M Renda: 1991 (0,536) – 2000 (0,603); IDH-M Longevidade: 1991 (0,572) – 2000 (0,693); IDH-M Educação: 1991 (0,584) – 2000 (0,724)<sup>13</sup> (ICA.2008). O município de Sete Lagoas localiza-se na região Metalúrgica e Campo das Vertentes em Minas Gerais. Situa-se na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. Este município apresenta aspectos demográficos que o diferenciam da população total do estado. Estes aspectos estão relacionados à maior concentração urbana, e a taxas de fecundidade, mortalidade esperança de vida ao nascer mais favoráveis do que no estado. A estrutura econômica do município também se diferencia da média do estado e até de regiões metropolitanas, com maior peso relativo do setor industrial. Os indicadores sócio-econômicos também são mais favoráveis no município de Sete Lagoas em relação ao conjunto do estado de Minas Gerais. Não só a renda média é mais elevada, mas há menor proporção de pobres e menos concentração de renda, medida pelo Índice de Gini. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Sete Lagoas cresceu, passando de 0,739, em 1991, para 0,791, em 2000. Dentre os sub-índices que compõem o IDHM, o que mais contribuiu para este crescimento foi o de Educação com 10,42% de aumento, seguido pelo de Renda com 9,17% e o de Longevidade com 1,33% (ICA, 2009).

observação simples com a finalidade de obter elementos para a definição de questões não previstas e de possibilitar uma elaboração mais profunda acerca da realidade local. Com tal técnica a obtenção de dados importantes, que não foram inicialmente previstos, acabou nos sendo facilitada. Apesar da utilização de dados secundários para a pesquisa, o diagnóstico da criança e do adolescente é uma pesquisa que também possui um caráter exploratório. Com este processo de observação nos foi possível identificar: (a) os importantes agentes empenhados na situação da criança e do adolescente do município, que pudessem nos fornecer elementos e informações para nossa pesquisa; (b) as características do local e (c) algumas situações determinantes para as condições de melhoria ou de entrave em termos sociais, para a criança e o adolescente, neste município: agentes voluntários sem reconhecimento ou apoio de órgãos oficiais, disputas políticas, etc.

Neste processo de observação ainda realizamos entrevistas informais, registros fotográficos e diários de campo. Em seguida, foram realizadas entrevistas em profundidade (focalizadas e por pautas) com gestores, educadores, técnicos, membros de redes sociais (coordenadores de ONGs, participantes de projetos sociais, culturais, de esportes e lazer), membros de Conselhos Municipais, lideranças comunitárias, atores vinculados ao sistema de justiça e assistentes sociais.

A partir das entrevistas buscamos o aprofundamento do conhecimento sobre os investimentos materiais e humanos na criança e no adolescente do município. Em determinados casos, considerando os perfis comuns de entrevistados – coordenadoras de creches, educadores, por exemplo –, entrevistas estas que foram realizadas com a elaboração de um roteiro contendo questões em comum. Em outros casos enfocamos o tema da criança e do adolescente de maneira a ouvir dos entrevistados suas considerações acerca dos aspectos que julgassem mais relevantes à questão da situação em foco, conforme seu campo de atuação específico.

Por avaliarmos positivamente nosso trabalho em Capelinha, voltamos a aplicar a mesma estratégia em Sete Lagoas, considerando, evidentemente, as diferentes realidades e peculiaridades dos dois municípios em questão.

### **A abordagem de questões sensíveis e a aplicação da técnica dos Grupos Focais<sup>6</sup>**

Foi com relação ao contato diretamente com as crianças e com os

---

<sup>6</sup> Registro aqui a participação das equipes dos GFs, que, além da organização e da moderação que ficaram sob minha responsabilidade, contou com o engajamento e o apoio, em Capelinha, de: Edwiges Pinto de Alecrim, Bertiz Hirle Silveira, Evanice Paranhos de Macedo,

adolescentes que encontramos nosso maior desafio. Desafio no sentido de que, embora fossemos tratar de questões amplas (educação, cultura e lazer, saúde, família), fatalmente teríamos que explorar temas sensíveis, mas, ao mesmo tempo, não tínhamos fortes convicções acerca de como fazê-lo. Os GFs foram realizados com o objetivo de compreender a situação da criança e do adolescente de Capelinha e de Sete Lagoas (neste segundo município, incluindo a juventude) a partir de sua própria percepção, bem como a de alguns pais e mães, já que realizamos GFs com estes também. Foram abordadas questões sensíveis que trataram de temas como trabalho infantil, uso de drogas, violência doméstica e exploração sexual<sup>7</sup>.

Cabe ressaltar que os temas sensíveis não eram o fator mais importante, já que os blocos temáticos discutidos nos GF não se conduziam a estes temas diretamente. Porém, em conversas preliminares com alguns atores que lidam com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade ou não no município, esses chegaram a nos relatar diversas situações de constrangimento (exploração sexual, abusos, gravidez precoce, consumo de álcool e drogas, trabalho infantil, violência doméstica) para com as crianças e adolescentes do município. Dessa maneira, concluímos que teríamos que abordar tais questões. A partir daí, começamos a pensar nos temas sensíveis como questões que emergiram para nós como desafiadoras e verificamos que há uma grande carência na literatura sobre o campo metodológico acerca dessa discussão.

---

Lidiane Pereira dos Santos, Maria da Conceição L. Cordeiro, Nely Soares de Oliveira, Patrícia Paranhos da Silva, Ralfe Justus Machado Cordeiro, Walto Fróes dos Santos. Em Sete Lagoas a equipe dos GFs foi formada por: Henrique Willer de Castro, Hilda Alejandra Gavilanes Jimenez (também moderadores) e pelos estagiários Hugo Leonardo Miranda de Souza, João Paulo Fonseca Rabelo e Ubiratan da Silva Ferreira Júnior.

<sup>7</sup> Trabalhamos com a técnica de grupos focais realizados com crianças/adolescentes/jovens – e também com pais e mães – com a finalidade de conhecer as demandas e necessidades destas crianças e adolescentes e de captar a percepção destes atores em respeito à situação da infância e adolescência em Capelinha. Os grupos foram segmentados conforme a localização geográfica, participação ou não em projetos sociais e grupos de idades. Com relação à idade realizamos GFs com adolescentes a partir de 12 anos, visto que se trata de uma faixa etária para a qual já existem projetos sociais específicos no município. Dessa maneira, realizamos GFs específicos com moradores da área rural e outros com moradores da área urbana no município de Capelinha. Foram também realizados GFs segmentados levando em consideração a participação de adolescentes em projetos/programas sociais. Não estabelecemos uma segmentação por gênero. Tanto meninos quanto meninas fizeram parte dos mesmos. Em Sete Lagoas, por sua vez não segmentamos os GFs por participação em projetos sociais, dessa maneira a segmentação por idade foi dividida em três grupos, conforme a classificação etária do ECA (de 8 a 12 anos, de 13 a 17 anos e de 18 a 24 anos) (ICA.2008).

Desta maneira, seguindo a cartilha de Morgan (1997) sobre Grupos Focais, decidimos que os referidos temas fossem, a princípio, abordados de forma indireta. Não os colocamos como questões diretas no roteiro original. Isto porque, caso as questões fossem estruturadas de maneira mais específica, poderíamos correr o risco de os participantes oferecerem opiniões socialmente desejáveis e poderiam também ocorrer situações de constrangimento entre esses mesmos participantes – o que, por sua vez, acarretaria em implicações éticas.

O ponto de partida da discussão foi conduzido por meio de assertivas mais gerais, divididas em cinco módulos temáticos: Estudo, Lazer, Família, Trabalho e Participação Social. A discussão por meio de assertivas gerais contribuiu para que pudéssemos abrir espaço para uma discussão mais pontual sobre as questões sensíveis, permitindo uma abordagem com maior fluência e naturalidade e sem constrangimentos. Adotamos, com base nas considerações de Morgan (1997), a “estratégia do funil”, que se vale de um aprofundamento progressivo das questões gerais para as questões mais específicas.

Morgan (1997) destaca que o roteiro do GF pode ser construído por dois extremos: assertivas gerais e questões diretas. Cada uma destas opções oferece suas vantagens particulares. Nossa opção pelo primeiro caso, considerando o aspecto sensível dos temas, permitiu que a discussão fosse conduzida com um maior grau de fluidez. Com relação às questões diretas, que aqui associamos aos temas sensíveis, conforme Morgan (1997) relata, há a vantagem de se ganhar em comparabilidade, mas isto dependerá muito do tema ao qual se propõe como foco de discussão. Tal estratégia tornou-se mais conveniente para o levantamento de temáticas sensíveis e passíveis de causar constrangimentos nos participantes. Entretanto, acreditávamos na importância e na necessidade da abordagem dos temas sensíveis de forma indireta, levando em consideração a faixa etária do público e o fato de que os participantes dos GFs tinham contatos entre eles na vida cotidiana: ora estudavam na mesma escola, ora participavam dos mesmos projetos sociais ou moravam no mesmo bairro ou vizinhança. O que não quer dizer que sejam questões facilmente abordadas pelos adultos, pois prova disso foi constatada durante o processo de entrevistas em profundidade, durante o qual alguns entrevistados se demonstraram pouco à vontade na discussão de tais questões. Sendo assim, temas como estudos, lazer e cultura, família, trabalho e participações em projetos sociais foram abordados de forma direta.

O roteiro foi construído de modo que permitisse aos participantes um envolvimento no grupo sem causar-lhes constrangimentos. Preocupamo-nos em elaborar um roteiro calcado em questões que possibilitassem aos participantes relatar espontaneamente suas experiências pessoais, o que funcionou bem, visto que, com relação às questões sensíveis, a abordagem se deu a partir de comentários espontâneos feitos pelos participantes. Em suma, os temas mais sensíveis – o



consumo de bebidas alcoólicas e de drogas, violência, gravidez na adolescência, exploração sexual – não foram contemplados no roteiro inicial como questões diretas. Como, porém, no decorrer das discussões estes temas foram abordados espontaneamente por seus participantes, percebemos que poderiam ser tratados, também, nos grupos seguintes sem o risco de causar constrangimento aos participantes.

A questão foi abordada espontaneamente por uma participante do primeiro grupo (em Capelinha) quando o assunto lazer foi colocado em pauta. Na medida em que esta relatou que a falta de lazer no município estava conduzindo muitos adolescentes ao consumo de bebidas e drogas, pude buscar, na função de moderador, mais informações através dos outros participantes, que também apontavam para percepções semelhantes. Nesse momento, o tema lazer, que por sua vez gerou uma discussão acerca do consumo de álcool e drogas, acabou também sendo vinculado a outras questões, como a sexualidade. Foi quando alguns participantes relataram situações de gravidez precoce.

A partir da abertura que foi dada para a questão sobre gravidez na adolescência, foi possível desenvolver de maneira mais direta a discussão, que culminou, também, em um debate sobre a exploração sexual. Tendo em vista a espontaneidade dos participantes para que os temas fossem tratados, tivemos liberdade para fazer, a partir daí, algumas questões de maneira mais direta: “você têm algum conhecido ou pessoas próximas que passaram por essa situação?”. Evidentemente, cabe ao moderador saber perguntar, de modo a deixar claro que, ao se referir a conhecidos ou pessoas próximas, não se busca identificar pessoas específicas, mas o que importa é identificar a ocorrência da situação. Cabe deixar claro que não se pede para que nomes sejam citados.

Esta questão está registrada no Relatório do Diagnóstico de Capelinha:

Nos grupos focais realizados com os adolescentes foi explicitada a percepção dos mesmos sobre a gravidez na adolescência, abuso e exploração sexuais. Os adolescentes da zona urbana relataram casos ou ouviram falar de homens mais velhos procurarem meninas mais novas. Uma participante afirmou que “o negócio desses velhos que ficam caçando as meninas novas; isso tudo tem que acabar” e outra contou que o “cara está preso porque engravidou uma menina menor de idade”. Outra adolescente fez o seguinte relato: “Tem um homem que cuidava do campo em frente à nossa casa. Eu achava um absurdo. Minha tia denunciou porque viu ele com uma menina. Quando ele saiu, a menina estava puxando a calça. Aí o policial foi prender ele e a menina falou assim: ‘oh meu filho, fui eu que quis. Se eu dei, foi por mim’. E ainda disse que daria de novo.”

Tentando explicar por que isso acontece, disseram: “para dar o golpe do baú”, “eu acho que os homens mais velhos são mais carentes; eu creio que seja isso”, “dinheiro também”, “ele já é velho, tem quase sessenta anos e pega meninas de 12, 13 anos;

acho que é as meninas que querem porque ele dá dinheiro”, “o que a gente mais vê é cara que chega de carrão, de moto e aí tem gente que quer engravidar para ficar com o dinheiro”, “às vezes, oferecem bebida para poder aproveitar da gente”. Uma adolescente de um dos grupos admitiu ter sofrido assédio sexual de um homem mais velho e outra revelou ter medo de “ser agarrada” por algum homem. Foi também relatado o caso de um homem que assediou garotos de uma escola e de um homossexual que ia de moto a um dos bairros de Capelinha e oferecia dinheiro aos garotos (ICA, 2008).

Este é um exemplo de que questões sensíveis podem ser trabalhadas, mas que dependem diretamente do estabelecimento de uma relação de confiança (*rappori*) com a equipe de pesquisa e do trabalho de moderação.

Em Sete Lagoas aconteceu algo similar. No primeiro GF que realizamos, ao discutirmos a questão do lazer, o tema proporcionou uma associação com outras questões mais sensíveis – drogas e violência –, como no exemplo que se segue:

Moderador: Vocês costumam brincar, se divertir com os amigos?

Participante 1: Só se for aqui no projeto, por causa que lá perto da minha casa (...) quase não fica ninguém na rua. E meu bairro, lá é muito violento, quase todo mundo fala que lá é uma favela, só vê droga, só vê esse povo usando. Não tem segurança, quase ninguém fica na rua (feminino, 12 anos).

Moderador: Em qual bairro você mora?

Participante 1: Luxemburgo II (feminino, 12 anos).

Participante 2: - Eu brinco mais é com os meninos evangélicos lá da rua (...) também dentro de casa. E também o lugar que eu tenho mais pra brincar é aqui (referindo-se ao Projeto Segundo Tempo). Aqui eu brinco mais é com (cita o nome de cinco crianças), porque os outros meninos eles ficam querendo brigar com a gente (masculino, 11 anos).

Moderador: Com crianças evangélicas? Você é evangélico?

Afirma positivamente com a cabeça (masculino, 11 anos).

Moderador: E você? (dirigindo-se a outro participante)

Participante 3: A minha rua assim não é muito boa. Minha mãe não deixa eu brincar lá. Mais ou menos, porque tem muita gente que morre na rua da minha casa. Não é na rua da minha casa, é na rua, na outra rua. Que tem um moço lá que mexe com essas coisas (drogas) assim, aí minha mãe deixa eu brincar só na minha rua, mais para frente não pode não (feminino, 10 anos).

Este tipo de situação, como já apontamos, gera a possibilidade de se aprofundar na discussão sobre questões sensíveis e discuti-las de forma direta, já que surgem espontaneamente.

Nos GFs seguintes já tínhamos um elemento que nos permitia abordar tais questões e questionar, já de maneira direta, mas ainda assim delicada: “Já

conversamos com outras crianças/adolescentes daqui do município e eles nos relataram que é comum acontecer casos de abusos sexuais. Vocês concordam com isso? Já ouviram falar ou conhecem algum caso neste sentido?”. Neste caso, de posse de afirmações anteriores torna-se mais ameno para os participantes emitirem opiniões. Pode-se fazer também referências a outras pesquisas (ou dados estatísticos) e até mesmo casos ocorridos na mídia, para que o tema possa ser introduzido. A seguir citamos um exemplo:

Moderador: (...) Às vezes a gente fica sabendo de casos de homens mais velhos que procuram meninas mais novas....

Participante 1: Pedofilia (masculino, 13 anos).

Moderador: O [fulano] até sabe o nome: pedofilia. Acontece até mesmo com meninos, não é só meninas não. Vocês conhecem algum caso assim, ficaram sabendo disso aqui em Sete Lagoas?

Participante 2: Em Sete Lagoas mesmo a gente tinha um professor que abusava das meninas. (feminino, 14 anos)

Moderador: Um professor que abusava das meninas? Como que vocês ficavam sabendo disso?

Participante 2: Porque saiu no jornal (feminino, 14 anos).

Moderador: Ah, isso saiu no próprio jornal! Então foi uma coisa pública?

Participante 3: Assim, era minha vizinha, sabe? Minha vizinha de perto. O homem é um marginal, já matou mais de cinco pessoas lá no bairro. Inclusive, ele já foi solto e ele engravidou ela e foi para cadeia. Essa menina tem 12 anos e ela ganhou com 13. (...) O boato que saiu é que foi por livre espontânea vontade, né? E hoje ela está com essa menina dela. Já está com 7 meses (feminino, 13 anos).

Moderador: Vocês conhecem mais algum caso assim? Já ouviram falar?

Conforme o relato de nossa experiência, Cruz Neto, Sucena e Moreira (2002) chamam a atenção para o fato de o roteiro do GF ser um instrumento flexível e adaptável, de modo que “permite incorporar, a qualquer momento do debate, elementos de qualquer uma das questões previstas. O importante é que todos os temas e suas respectivas diretivas sejam abordados, sem que haja repetição ou omissão” (Cruz Neto, Sucena e Moreira, 2002: 12).

Os autores supracitados ressaltam que o GF não é um instrumento monolítico e estático. Justamente por se caracterizar como um instrumento flexível e adaptável é que permite um tratamento em seu roteiro por meio de “entrevistas não diretivas”. Cabe lembrar que, embora para a elaboração de cada GF tenhamos buscado um perfil comum entre crianças, adolescentes e jovens, estamos lidando com “subjetividades coletivas”, no sentido atribuído por Domingues (2002).

É importante ter em mente, como propõe Domingues (2002), que nas pesquisas sobre gerações o conceito de “subjetividade coletiva” é um elemento fundamental para se escapar da armadilha de se pensarem as gerações a partir

de uma tendência homogeneizadora. Neste sentido, deve-se buscar uma visão heterogênea, o descentramento e a interatividade das gerações sociais. A proposta do autor é de se pensar a “vida social como rede interativa, multidimensional, na qual os atores individuais e coletividades se influenciam de forma mútua causalmente” (Domingues, 2002: 68).

Ainda que tenhamos buscado estabelecer um perfil comum entre os entrevistados, a partir dos segmentos por idade e por participação em projetos sociais, levamos em consideração as subjetividades coletivas e as “dimensões hermenêuticas” (normativas, cognitivas e expressivas) dos participantes (Domingues, 2002: 69). No caso dos GF, foi importante considerarmos a variável família como subjetividade coletiva, pois as situações entre os participantes eram variadas. A maior parte desses se relacionava com a família, convivendo com o pai e a mãe, mas havia outra parte que estava sob tutela de outro responsável (parentes) ou mesmo em situação de abrigo.

A positividade da aplicação da técnica de GF depende fundamentalmente do papel da moderação. Para lidar com crianças e adolescentes é necessário despertar, em primeiro lugar, o interesse pela participação, o controle das constantes situações de dispersão durante o exercício GF e com todo o caráter lúdico que marca esta etapa geracional. Há que se ter um bom *feeling* para discernir quando os participantes fantasiam determinadas situações. Segue-se um exemplo ocorrido em um determinado GF, no momento em que a questão da pedofilia foi abordada:

Entrevistado (11 anos): Uma colega também já me contou que lá no bairro dela, ela falou assim que o professor falou para o menino ir na casa dele que ele ia ensinar a matéria que era matemática. Ele pegou e estuprou o menino e “rasgou” a cabeça dele e jogou na rua 56.

Moderador: O próprio professor fez isso? E esse assunto saiu nos jornais? Como que foi?

Entrevistado (11 anos): Disse a menina que saiu no jornal.

Moderador: Mas foi provado que foi o professor? Teve testemunha, teve ocorrência policial? Você sabe disso?

Entrevistado (11 anos): Ela não me contou isso não, mas teve testemunha que até repórter foi lá.

O participante relatou o caso público de abuso sexual – que já mencionamos acima a partir de relatos em outro GF – de maneira fantasiosa.

Também é comum que ocorram situações nas quais as próprias crianças e os adolescentes relatam casos de violência física ou sexual, atribuindo o fato a um terceiro (colega da escola, amigo, vizinho ou alguém de quem “já ouviu falar”), mas que, de fato, ocorreram com elas próprias. Esta é uma situação

muito delicada à qual o moderador deve também estar atento, respeitando o participante.

### Questões Éticas

Outra questão importante a ser abordada, com relação à técnica dos GFs, diz respeito ao campo ético. Em um relato de experiência de pesquisa com adolescentes que sofreram maus tratos familiares, De Antoni *et al* (2001) chamam a atenção para o fato de que “deve-se considerar a vulnerabilidade dos participantes diante do tema, para evitar colocá-los em situação de risco, principalmente quando envolve grupos estigmatizados” (De Antoni *et al*, 2001: 13). Em nossa experiência, não trabalhamos exclusivamente com crianças e adolescentes estigmatizados, embora estes também estivessem presentes nos GFs. Entretanto, levamos em consideração a situação de vulnerabilidade, além do respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que, no seu Artigo 3º, propaga:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (ECA, 1999).

Outros fatores devem ser considerados com relação à questão ética, para que o processo de discussão em um GF possa ser garantido de maneira positiva e não gere desconfiças ou influências negativas na relação (*rapport*) entre moderador e participantes. Em primeiro lugar a garantia de sigilo absoluto sobre a privacidade dos participantes, bem como sobre as informações fornecidas (Cruz Neto, Moreira e Sucena, 2002; Gondim, 2002). Gondim, por exemplo, chama atenção para o fato de que:

[...]o tema pode vir a exigir posicionamentos pessoais que serão revelados a pessoas desconhecidas. Discutir alcoolismo e drogas, por exemplo, coloca os participantes que sofrem deste problema em uma situação delicada e o moderador deve dar sinais claros de que providências estão sendo tomadas para preservar a identidade pessoal na divulgação dos resultados (Gondim, 2002: 153).

Além da garantia de sigilo, deve-se solicitar o consentimento dos pais (ou responsáveis), destacar que a participação de cada um é voluntária, deixar bem claro os objetivos da pesquisa e quem terá acesso às informações, informar que

o GF será gravado e/ou filmado. Ao final de cada sessão é sempre pertinente deixar em aberto a possibilidade de os participantes incorporarem questões ou temas que considerem relevantes, mas que não foram abordados durante o processo de discussão do GF. Esta estratégia é sempre pertinente, pois contribui para que sejam apontados questões ou problemas não previstos pelos pesquisadores, porém que podem ser de grande relevância para a pesquisa. Por fim, deve-se atentar, como também chama a atenção Gondim (2002), para a averiguação dos sentimentos dos participantes ao final de cada sessão.

Em nossa experiência no primeiro GF, realizado com adolescentes no município de Sete Lagoas, uma participante de 12 anos nos revelou, ao final de nosso trabalho, ter tido a oportunidade de discutir assuntos que, em geral, não discutiria em sua família. O interessante é que outros participantes concordaram com ela e afirmaram que nós havíamos contribuído muito para com eles. Talvez não tenham a consciência exata de que ocorria ali o contrário, isto é, de que a contribuição desses participantes é que nos foi muito gratificante. Em Capelinha, uma menina que nos relatou ter sofrido abuso sexual revelou-nos individualmente que se sentia aliviada por nos ter contado este fato ocorrido com ela.

### *Considerações Finais*

Algumas considerações finais cabem ao nosso relato. Em primeiro lugar, queremos deixar claro que por mais que seja importante estabelecermos padrões de técnicas de pesquisas, cabe a ressalva que cada experiência de realização de GF é sempre única, como únicos são os informantes que sempre nos prestam auxílio e generosa contribuição quando aceitam participar da pesquisa. Assim frisamos o quanto a característica de flexibilidade deste instrumento é importante. Contudo, seguindo este princípio, cabe lembrar que o papel da moderação é fundamental no sentido de saber lidar com situações que exigem tanta flexibilidade. Sobretudo quando se trata do envolvimento de crianças, adolescentes e jovens e, em particular, de abordagem de temas sensíveis aos quais seus participantes podem se ver em situação de constrangimento. Trata-se, sobretudo, de uma questão de postura do moderador diante de uma situação tão delicada. Assim sendo, não temos por pretensão criar uma receita de como lidar com questões sensíveis em um GF com participação de crianças, adolescentes e jovens, mas sim registrar a eficiência da técnica do GF na abordagem de questões sensíveis – ainda que entendamos que não seja a técnica exclusiva para casos desta natureza – e trazer esta questão como relevante para o debate metodológico no campo das Ciências Sociais.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard S. (1997). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. (1999). Belo Horizonte: ISJB – CESAP.
- CRUZ NETO O., MOREIRA M. R. e SUCENA. (2002). “Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação”. *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, Minas Gerais, de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em < [www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com\\_JUV\\_PO27\\_Neto\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf). > Acesso em 08 de julho de 2008.
- DOMINGUES, José Maurício. (2002). “Gerações, Modernidade e Subjetividade Coletiva”. *Tempo Social. Rev. Sociol. USP, São Paulo*, 14(1): 67-89.
- INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ICA/PROEX/PUC-MINAS). (2008). “Relatório do *Diagnóstico da Situação da Infância e Adolescência do Município de Capelinha*”. Belo Horizonte: PUC-Minas.
- INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ICA/PROEX/PUC-MINAS). (2009). “Relatório do *Diagnóstico da Situação da Infância, Adolescência e Juventude do Município de Sete Lagoas*”. Belo Horizonte: PUC-Minas.
- MORGAN, David L. (1997). *Focus Groups as Qualitative Research*. 2nd ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications.

## Resumo

Este artigo tem como proposta apontar a emergência de maiores reflexões acerca do desenvolvimento de métodos e técnicas de pesquisas na abordagem de temas sensíveis a ser tratados com crianças, adolescentes e jovens. Também se caracteriza como um relato de experiências em pesquisas, apontando a técnica dos Grupos Focais como um meio eficiente neste tipo de empreitada e, por fim, buscando refletir sobre questões éticas implicadas em pesquisas com o público infanto-juvenil.

**Palavras-chave:** Pesquisas com crianças, adolescentes e jovens; Métodos e Técnicas de Pesquisas; Experiência de campo; Grupos Focais; Ética em pesquisas.

## Abstract

This article has the aim of pointing out the emergence of better reflecting on the development of research methods and techniques approaching sensitive issues to be dealt with children, teenagers and youngsters. It also features a report of experience during research by pointing out the Focal Groups technique as an efficient means in that sort of enterprise, and, finally, searching for reflecting on ethical issues that are involved in researches with an audience with children and youth.

**Palavras-chave:** Research with children, teenagers and youngsters; Research methods and techniques; Field experience; Focal Groups; Ethics in research.